

TRIBUNA Livre

30
NOVEMBRO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: IACGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Plano de Fomento para 1965 - 1967

Ao Concelho de Amares FORAM ATRIBUIDOS 1.250.000\$00

Apesar das dificuldades da hora presente, o Governo está a lançar as bases para um Plano de Fomento intermédio, apenas três anos — 1965 a 1967. É de louvar este esforço dos Governantes no sentido de não deixar parar o desenvolvimento do país, sem esquecer, e muito bem, os meios rurais.

O concelho de Amares foi distinguido com a importante verba de 1.250 contos para participações em obras rurais, especialmente para complemento das já iniciadas e pavimentação das existentes, porque no Plano de Fomento que agora termina fomos dos poucos concelhos que o aproveitaram na totalidade e até ultrapassamos a dotação prevista.

Embora não seja muito, para as necessidades do concelho, temos de concordar que é razoável a média de 400 contos por ano.

Subsiste no entanto um perigo, o qual é o de a Câmara

ra não poder fazer face a tal participação, embora pequena.

Ao denunciar esse perigo, tenho no pensamento, apenas e simplesmente alertar a nova Câmara e chamar à sua atenção os vários factores que podem contribuir para o não aproveitamento total dos benefícios que o Estado, com sacrifício, põe à nossa disposição.

Não queremos de qualquer forma menosprezar ou desalentar, mas por conhecimento de causa, prevenir para que tudo seja acautelado e desde já.

A Câmara tem de fazer grandes economias para lhe fazer face, pois são necessários cerca de 100 contos por ano, visto que, na maioria, são obras de acabamento,

(Continua na 3.ª página)

Direitos e Deveres

Uma das grandes leis fundamentais da sociedade é a colaboração, e a sua importância é de tal modo grande que sobreleva todas as outras.

A marcha da civilização é obra sua. Nas fábricas, nas oficinas, nos escritórios, nas minas, nos campos, nas escolas e nos lares, enfim, em toda a parte onde o homem

trabalha e vive, a colaboração é a coluna vertebral de toda a sua actividade.

Precisamos portanto uns dos outros e esta necessidade exige o elementar mútuo respeito que caracteriza o *Direito* e o *Dever*.

Esta dependência é bem evidente, pois utilizamos casas, alimentos, vestuários, livros e conforto que são não só obra de outras pessoas mas que foram até preparados ou fecundados por gerações que já desapareceram há muito do cenário da vida terrestre.

Ora os direitos e os deveres devem partir segundo os princípios da moral cristã, do conceito da dignidade da pessoa humana. É esse postulado que nos obriga a ver o Homem como entidade consciente digna do maior respeito, qualquer que seja a escala do seu valor social. É por isso também que

(Continua na 5.ª página)

Kennedy assassinado

Se o criminoso não fosse descoberto e preso tão depressa, o crime seria atribuído, fatalmente, aos segregacionistas ou aos grupos da extrema direita, hostis ao Presidente Kennedy e à sua política. Isso não deixaria de provocar reacções violentas dos negros contra os brancos e da facção «liberal», do Partido Democrático (ao contrário do que significa na Europa, «liberal», nos Estados Unidos, quer dizer esquerdista) contra os chamados «reaccionários» e fascistas. Os brancos, por seu turno, responderiam a essas violências, sobretudo no Sul, com outras violências, e também não seria natural que esses grupos da extrema-direita se contentassem, principalmente naquelas cidades onde predominam, em proclamar a sua inocência — e não replicassem com as armas na mão aos ataques de

que se vissem alvo. Criar-se-ia assim por todo o país, mas em particular entre o Norte e o Sul, sempre irreconciliáveis, uma atmosfera de guerra civil, senão mesmo a guerra civil. Seria, então, para Krushev o momento de fumar com os chineses o cachimbo da paz — da paz entre Moscovo e Pequim — e de tirar da situação criada nos Estados Unidos pela assassínio de Kennedy todas as vantagens. Seria, então, para o Chefe do Governo soviético o momento de obrigar a Inglaterra e a França, a reconhecerem o regime de Pankow, o momento de forçar a República Federal Alemã a um acordo ou entendimento acerca de Berlim, o momento, enfim, de intervir, em força, na África, na Hispano-América, no Vietname do Sul, na Pérsia, na Turquia,

(Continua na 6.ª página)

A IGREJA E AS IGREJINHAS

por: José Joaquim Vieira

Igreja é Cristo. A Igreja é o pregão sagrado que Jesus deixou aos homens: — sede irmãos e o meu Pai estará convosco.

Na Igreja somos todos iguais. O cientista não se pode sentir superior perante aquele que tem uma profissão humilde. O dirigente tem de reconhecer a sua igualdade perante o dirigido. O rico não pode deixar de sentir irmandade no seu servidor. Por outro lado o artífice não deve ufanar-se do seu valor; tem que ofer-

ter com toda a humildade a sua arte.

Se seguirmos esta linha tão recta, tenhamos a certeza que as igrejinhas que se formam à volta da Verdadeira, deixarão de existir e só Cristo reinará nos nossos sentimentos.

Dnus encarnou-se mais uma vez na pessoa de João XXIII, para mostrar aos homens o quanto é de maravilhosa a irmandade! Só como irmãos poderemos ser úteis.

A irmandade cria milagres de amor.

Porque é que João XXIII nos deixou uma saudade profunda? Porque é que João XXIII pôde criar simpatia em todas as religiões e credos?

Porque Nele brilhava a grande altura o sorriso e bondade de Jesus! E Jesus

(Continua na 5.ª página)

Tribuna de Vieira do Minho

Carta de Ruivães

Foi superiormente deliberado o encerramento da caça indígina no dia 31 do próximo mês de Dezembro.

Impunha-se tal medida, porque este ano não houve perdizes. Enquanto se não intensificar a fiscalização dos montes, no tempo defeso, não se vingará a caça.

Os caçadores furtivos, os tais da marca de «espera ga-

lego», também dizimam as perdizes, quando estas ainda não sabem defender-se.

É indispensável uma repressão enérgica e vigilante.

O caçador que caça legalmente necessita de maiores liberdades venatórias, tais como a caça às rolas, não em determinados locais onde só os abastados podem ir, mas em todos os sítios onde a haja.

Alguns deles prevarica? Caia sobre ele todo o peso da lei. Se as sanções actuais são leves, modifique-se a lei e agravem-se as sanções.

O caçador legalizado precisa de mais amplas garantias, pois paga as suas licenças e não custam elas tão baratas.

Fiscalização, fiscalização constante, eis o remédio que se impõe, e sanções pesadas para os infractores.

(Continua na 5.ª página)

Ofensiva Islamo-comunista

Uma das questões que figuram na agenda da reunião, em Adis-Abeba, dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos trinta e dois países membros da OUA (Organização de Unidade Africana) é o litígio — a que chamam, púdicamente, «conflito de fronteiras» — entre a Argélia e o Marrocos. Ben Bella, entretanto, vai concentrando junto

da fronteira marroquina não apenas as suas próprias tropas e os soldados egípcios que vieram reforçá-las, mas também, como revela a «Agência Maghreb, em telegrama enviado da cidade fronteiriça de Oudja, autênticas «brigadas internacionais», onde se incluem «vo-

(Continua na 5.ª página)

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos, até à quarta-feira.

A Redacção

TRIBUNA AGRÍCOLA

Vinhos adamados

A Alemanha tem-se revelado nos últimos anos um ótimo mercado para os vinhos brancos doces (10° a 12° de álcool por 0,5° a 3° Beaumé). Os nossos vinhos deste tipo, preparados em mais larga escala na região do Ribatejo, encontram naquele país a melhor aceitação, e a comprovar o que dizemos está o facto de não chegarem, em geral, as disponibilidades para as encomendas.

Estes vinhos são de preparação muito delicada e de conservação um tanto difícil, visto que as alfândegas alemãs, especialmente as do Sul, são excepcionalmente exigentes quanto às características analíticas que definem a sua genuinidade.

Um vinho doce, preparado por lotação de mostos ou de geropigas com vinhos secos, seria facilmente denunciado em laboratório. Na realidade, a percentagem de glicerina, a relação P/a e a proporcionalidade entre os açúcares redutores permitem concluir se o vinho é ou não um produto natural da fermentação. Por outro lado, na Alemanha são hoje adoptados métodos de análise que põem a descoberto a alcoolização, prática que está vedada naquele país aos vinhos de pasto.

Um outro pormenor a ter em vista nos vinhos doces é o seu teor em anidrido sulfuroso. Certos países vitícolas, entre os quais o nosso, autorizam 400 e 100 mg/l, respectivamente total e livre. Estas doses são consideradas, aliás erradamente, como suficientes para salvaguardar estes vinhos de qualquer recomeço de fermentação. Acontece, porém, que determinadas zonas do mercado alemão exigem vinhos com um máximo de 70 mg/l de sulfuroso livre e por vezes menos, doses estas que, na generalidade, não garantem a estabilização dos vinhos em armazém, tanto mais que algumas espécies de *Saccharomyces* (oviformis, ludwigii, acidifaciens, etc.)

são por tal modo resistentes ao sulfuroso que chegam a suportar doses de 150 ou mesmo 400 mg/l. Não é a primeira vez que nós, pessoalmente, nos vemos na necessidade de acudir a vinhos em início de refermentação, a despeito de acusarem teores de sulfuroso livre superiores a 100 mg/l.

A adição de outros antissépticos aos vinhos doces, como o ácido sórbico e o éster dietilpirocabónio (1), permitirá notável diminuição dos teores de sulfuroso, quanto for prevista pelas legislações de Portugal e da Alemanha.

Na preparação dos vinhos doces haverá, por agora, dois caminhos à escolha:

ou se parte de vinhos normalmente fermentados até 10° ou 12° de álcool, com cerca de 3° Beaumé e doses de 80 a 100/l de sulfuroso, portanto de conservação aleatória; ou se parte, o que nos parece mais vantajoso, de vinhos que tenham fermentado até 5° de álcool, portanto muito doces, que, lotados com vinhos secos de elevado teor alcoólico, ficam com a graduação e as características químicas desejadas. Como se compreende, os vinhos desta última modalidade podem ser sulfatados com suficiente margem de segurança, pois, que no momento oportuno, serão misturados com outros que praticamente não têm sulfuroso.

VENDE-SE

Casa de lojas e 1.º andar com vinha. Oliveiras, Laranjal e outras fruteiras—e bouça da Boa Vista com bom mato e toda morada

Tratados no lugar do Pilar - Fiscal (Amores)

Trata: Augusto R. Macedo

Travessa Mato Grosso, 43-A

LISBOA - 2



AO PREFERIR

«JORNAL FEMININO»

Prefere a revista mais portuguesa de Portugal.

Gosta de estar actualizada em moda, culinária, cinema, literatura, crochet, tricot, maquillage, decoração e tantas outras — coisas que a mulher deve saber? —

Então, compre de quinze em quinze dias «JORNAL FEMININO» — Da mulher para a mulher. Sai aos dias 1 e 15 de cada mês. Envie a foto do seu bebé para a Galeria Infantil desta revista. Horóscopo, concursos, reportagens, entrevistas «JORNAL FEMININO» companhia amiga, leal e sincera.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE: TELEF. 30796 Rua D. João IV 904 PORTO

Noticiário

Um donativo de 400.000 dólares concedido pela Fundação Ford

A Fundação Ford concedeu um donativo de 400.000 dólares à OCDE para intensificação das actividades de desenvolvimento dos recursos humanos nos domínios da Ciência e do Ensino. Os Programas da Organização naqueles domínios auxiliam os Estados-Membros a estabelecer planos com vista ao alargamento das suas possibilidades de Ensino e de formar assim devidamente pessoal qualificado para alcançar os objectivos do crescimento económico previsto até 1970. Com o referido e importante donativo, a OCDE poderá melhorar de maneira muito apreciável esses Programas.

Especialistas mediterrânicos estudam a certificação varietal das sementes

A OCDE promoveu, de 10 a 29 de Junho, um Curso de Formação para o Melhoramento e Certificação das Sementes que iniciou os seus trabalhos em Cambridge, no «National Institute of Agricultural Botany», especialmente dedicados ao sector das gramíneas. Seguiram-se estudos sobre as leguminosas, de 17 a 21, no «Centre National de Recherches Agronomiques», em Versailles. No dia 22, os frequentadores do Curso passaram para Wageningen, nos Países-Baixos, e de 27 a 29 estagiaram na Estação de Melhoramento de Plantas de Montpellier.

Políticas agrícolas dos países da OCDE

Portugal esteve representado em Paris na Reunião da OCDE sobre Políticas Agrícolas dos Países-Membros da Organização pelo Eng. agrón. Rodrigo Sande e Lemos, da Secretaria de Estado da Agricultura.

Curso de aperfeiçoamento para vulgarizadores agrícolas em Casalina (Itália)

Em 24 de Junho, iniciou-se em Casalina (Itália) um Curso de Aperfeiçoamento para Vulgarizadores Agrícolas dos Países Mediterrânicos, organizado pela OCDE com a colaboração do Ministério da Agricultura italiano. Prolonga-se esse Curso até 13 de Julho e tem a participação de vulgarizadores da Espanha, França, Grécia, Itália, Jugoslávia, Portugal e Turquia. O tema principal diz respeito aos problemas da irrigação na Bacia do Mediterrâneo.

A partir de 2 de Julho, os frequentadores do Curso farão uma viagem de estudo que lhes permitirá visitar: em Emilia, as grandes obras hidroagrícolas da Região de Bolonha, uma grande exploração irrigada de carácter zootécnico na Região de Lodi e a exploração de Gandarolo, onde se pratica a rega por aspersão; em Pouilles e Lucania, o Instituto Agronómico de Bari, a barragem de San Giuliano em Matera, as explorações irrigadas de Metaponto, os Consórcios de Capitanata e propriedades-modelos de Lucania.

Os investimentos intelectuais em agricultura

Com o título «Investimentos Intelectuais em Agricultura e Desenvolvimento Económico e Social», a OCDE publica o Relatório que M. L. Mallasis, Professor de Economia Rural na Escola Nacional Superior de Agronomia da Rennes (França), consagrou a um assunto cada dia mais actual: a integração dos agricultores no mundo económico moderno e o seu acesso aos modos de vida nascidos da evolução industrial.

Visado pela Censura

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Costumo chamar amigos aos leitores destas cartas, de perto ou de longe, embora saiba que alguns me detestam. Podem todos estar bem cientes da verdade desta afirmação. Contudo não faço isso para ofender, seja quem for, nem falto à verdade. De facto não tenho ódio contra ninguém e amo a todos em Deus, porque todos somos filhos de Deus. Além disso, todos os dias rezo, não só por mim, mas também pelos meus amigos e inimigos, para que Deus os converta e abençoe. Procedendo eu assim, como posso provar facilmente, parece-me que tenho razão em chamar amigos, a todos os meus leitores, poucos ou muitos, de perto ou de longe. Sigo também o exemplo de Jesus que, embora soubesse da traição de Judas, contudo chamou-lhe amigo, quando lhe disse: — «Amigo, a que vieste?» — E não podemos duvidar da amizade de Jesus para com Judas! Não perdoou também Jesus aos algozes que O crucificaram?! Por isso, não deixaria de perdoar o pecado de Judas, se ele se convertesse, pedindo perdão. Judas é que preferiu, orgulhosamente, enforçar-se. Podem convencer-se, caros leitores, se quiserem, ninguém os obriga... de que é muito possível, e até é nosso dever, amarmos, não só os amigos, mas também os próprios inimigos. É isso que eu faço embora haja indivíduos que se cansem a dizer o contrário.

«Conhece-te a ti mesmo»

Sócrates, o primeiro dos grandes filósofos gregos, baseou todos os seus conhecimentos filosóficos no conhecimento de nós mesmos. Realmente este conhecimento é dos mais difíceis de adquirir; e, por isso mesmo, são pouquíssimos os homens que o chegam a possuir. Serei eu o número dos que se não conhecem? Sim! Talvez seja!... Contudo posso dizer que tenho empregado alguns esforços para me conhecer. Por isso mesmo é que não tenho ódio a ninguém e, por sistema, não me vingou seja de quem for, mesmo quando o poderia fazer, sem grande esforço. Tenho a certeza de que alguns dos meus «amigos» não acreditam no que vou dizendo. Façam como quiserem! Fico indiferente... Mas poderia provar, sem dificuldades de maior, que me não tenho vingado, nem sequer me tenho rigoziado com o mal dos que me odeiam. Também me não entristeço

com o bem estar dos meus inimigos. Gosto até que se sintam bem! Contudo não gosto que sejam injustos e defendo-me deles, quando me perseguem, usando eu as armas da verdade. Não acreditam?! Pois toda a gente sabe que não tenho levado ao tribunal ninguém, nem mesmo aqueles que, caluniosamente, me levaram lá! Defendi-me e não passei além!... Lembrem-se todos, ou não? Pois tenho feito assim por conhecer que também tenho defeitos, embora quase sempre involuntários.

Que dizer disto que li algures? — «Não somos o que cuidamos ser, mas sim o que os outros observam e pensam de nós» — Se este pensamento fosse verdadeiro teríamos de concluir que Jesus Cristo, S. Pedro, S. Paulo, S. João Baptista, etc. eram malfeteiros! Não foram todos Eles condenados à morte? Os que os condenaram e mataram observavam e pensavam que eles eram criminosos! Aliás não os condenariam!... Como estas cabecinhas andam longe da verdade! O que faz o ódio!...

Um encontro

Como vêm, amigos leitores, a filosofia de alguns amigos que não gostam de mim não está certa. Mal de nós se a honestidade dependesse da apreciação dos nossos inimigos!...

Para acertarmos o passo e não estarmos a divertir ou aborrecer quem vê estas questiúnculas, sem mérito, julgo que era mais conveniente o autor do pensamento referido deixar de jogar o «sério» comigo e marcarmos uma conferência, na presença de várias pessoas de carácter íntegro, que fariam de juizes depois de ouvirem as razões, de parte a parte.

Como posso eu acaruihar quem não fala para mim? Eu não lhes devo nada! Mas se alguém puder provar que lhe devo alguma coisa, faz o obséquio de me dar a conta e tudo se porá no seu lugar..

Caros amigos: tenham a certeza de que ninguém se honra a dizer mal dos outros; e eu não sou pior se dizem mal de mim, nem sou melhor se dizem bem!

O que valem os diante de Deus não depende da apreciação dos homens. Dependem, sim, das obras e intenção de cada um.

A lista «B» venceu?

Não me admiro nada. Os outros desistiram... Os da

Monografia de Entre-Homem e Cávado

Está concluída esta importante obra que tanto honra o Concelho de Amares.

Obra levada a cargo sem intuitos comerciais, ela é devida ao carinho e sacrifício de alguns Amarenses, sendo de destacar o seu autor Senhor Domingos Manuel da Silva, que a esta obra se devotou com amor e estoicismo, pondo à prova os seus vastos conhecimentos e o seu tacto de investigador.

A Monografia está dividida em 3 volumes, sendo:

I Volume — Monografia de Amares

II — Monografia de Terras de Bouro.

O seu custo é de 30\$00 cada volume.

Nenhum Amarenses que se prese deve deixar de adquirir esta Obra que nos ensina a nossa história e dos nossos maiores de antanho, poetas, guerreiros e monges e dos seus monumentos, desde os primórdios da Nacionalidade.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

lista B andaram de noite e de dia, recorreram a auxílio externo, ameaçaram, pagaram beberetes, puzeram carro à porta e em curvaturas vertebrais muito respeitadas, prometeram todos os favores, declarado-se muito obrigados».

Só não se compreende que, para trabalhar de graça, haja tanto servilismo. Foi o que ouvi... Não tenho inveja e não quero vitórias assim! De resto, os meus parabéns e votos de felicidades, pela vitória alcançada. Terei até grande prazer, mesmo com o barrete, em elogiar a nova Junta quando verificar que merece louvores pelas obras que realizar, com os olhos no bem comum.

Aproveito já o ensejo para lembrar à nova Junta a estrada da Ribeira, desde o Bico até à Igreja, e daqui até Rendufe, bem como o caminho da Lagoa... e a luz nas escolas... Vão agora tirar o postal? Para que o puseram lá? Dizem-me que as escolas da Feira Nova já têm luz eléctrica...

Vosso J. Moreira

1.250 contos para a Câmara

Continuação da 1.ª página

sem verbas para terrenos, onde a Câmara sempre ia buscar um auxílio.

Além disso a Câmara tem também de fazer outras obras de carácter urbano a fim de a Vila, continuar a desenvolver-se, a expandir-se e a melhorar as suas condições de Sede do Concelho, e de esti-

mular a iniciativa particular no que se refere a construções, mola real do progresso em toda a parte, pois seria o maior erro se o não fizesse.

Ora nas presentes circunstâncias, a Câmara, com os encargos do empréstimo da electricidade, só com muito trabalho, dedicação, esforço, e habilidade, pode realizar esse conjunto de obras e aproveitar a totalidade do plano.

Sabemos que é possível e como é possível, e porque já não estamos habituados a ver perder participações e a ver estagnar, porque foi contra isso que sempre lutamos e o ideal que sempre nos animou, aqui vimos, por esta forma, dar a nossa contribuição.

Temos no entanto a convicção de que a nova Câmara que vai ser eleita, herdeira duma importante obra legada pela anterior, não deixará de dar todo o seu esforço, para que o concelho continue na senda do progresso porque esperou 20 anos.

Não deixaremos de lhe louvar esse esforço que em prol do concelho faça e para bem dum povo que retomou o caminho e que não quer retroceder.

Se houver entusiasmo, sacrifício e amor tudo se fará e ainda muito mais virá por acréscimo.

Paulo Macedo

CASAMENTO

No passado dia 24 teve lugar na Igreja matriz desta Vila o casamento do senhor Francisco Gonçalves Tinoco, que veio da França para o efeito, com a menina Elvira Antunes da Silva, desta Vila.

Foram padrinhos os Senhores Joaquim Barbosa de Macedo e a Senhora D.ª Carolina Antunes Barbosa de Macedo.

Depois da cerimónia religiosa, os noivos e convidados seguiram em cortejo até à cidade de Braga onde teve lugar o almoço.

Aos brindes usaram da palavra os senhores P.º Albino José Fernandes Alves, pároco da noiva, e o Senhor Paulo Barbosa de Macedo, que felicitaram os noivos a quem desejaram as maiores felicidades.

Tribuna Livre associa-se aos mesmos votos de felicidade.

Sic Est Vulgus!

Vivia entre amigos na abundância,
Amigos que por mim davam a vida:
Entravam-me em casa com instância
E punham-se na cave em corrida...

A minha amizade enriquecida
Pela reles e torpe ignorância,
Foi rudemente um dia esquecida
Por esses meus amigos da infância

Ai quanto amigo em casa eu recolhia!
Oh dor! oh raiva! oh pejo! oh vilania!
Mas só quando a fartura lá reinou.

À porta me bateu de derrocada
A miséria, e então, essa cambada,
P'ra longe — 'inda bem! — se evaporou!...

Cícero Dias

Telefone de serviço dos

Bombeiros Voluntários

6 2 1 6 2

Terras do Bouro no espírito de Manuel A. Barreto Marques

Posto Abastecedor de Combustíveis automóvel

Já aqui se tem afirmado, — e repeti-lo nunca será demais — ou enfadonho, — que Amares, Gerês e Terras do Bouro, formam um Triângulo Turístico de exuberantes encantos, ornamentado com as suas inúmeráveis paisagens, repletas de deslumbrantes a convidar os visitantes. E, como o Turismo será de futuro a principal e mais segura e rendosa fonte de riqueza Nacional, importa então explorar, efusivamente, com interesse e natural dedicação, tudo quanto seja, ou possa vir a ser, valor turístico ou meio de atrair à Região os forasteiros e deslumbrá-los. Uma Terra ou Região, que não possa ser comodamente visitada, percorrida e apreciada, com interesse e ansiosidade, pelos turistas, será sempre, interminadamente, uma terra desconhecida, atrasada e desprezada — uma terra fora do mapa, como é costume afirmar-se, quando sobre ela adeja funestamente a desventura, o abandono, o esquecimento e o desprezo, muito embora se reconheça quase sempre que nessa terra existem, afortunadamente, valores surpreendentes e muito dignos de elevado apreço e estima. E, mesmo assim entregues ao abandono, lá continuarão a existir sempre, e são valores reais, por explorar: valores esquecidos e desprezados — mimosos oblivos com que a natureza quis dotar e distinguir esta Região Nortenha.

Já se afirmou também aqui, que o Alto Gerês encerra em si um harmonioso complexo de belezas e encantos, superiores ao do Alto Minho — um autêntico tesouro para nós.

Com este simples monossílabo (nós), formado somente por três letras eu pretendo immanar e englobar, numa única, íntima, toda esta Região formada geograficamente por Braga, Amares e Terras do Bouro — Braga, eterna relíquia Minhota, com os seus ancestrais, sumptuosos e veneráveis Monumentos cidadãos; Amares e Terras do Bouro, com os seus verdadeiros laranjais e luxuriantes e deliciosas paisagens. Com esta trilogia regional, eu pretenderei sempre pôr à prova apreciativa o norte do nosso Distrito, com o fim de chamar a ele as prestimosas atenções e valiosos carinhos das entidades superiores. Nós precisamos de um interesse esclarecido, de uma dedicação fervorosa, de um auxílio expansivo e generoso. Evidentemente que eu,

quando me atrevo a trazer a público estas despretenciosas e mal amanhadas aspirações — influxos ardorosos e bairristas da minha alma... — não pretendo referir-me só à cidade ou às sedes dos concelhos: o meu amor e a minha impoluta dedicação bairristas não-de-levar-me, incessantemente, a referir-me, muito especialmente, a toda a Região rural, às suas necessidades, aos seus interesses, às suas ambições... palmo a palmo, levando o lenitivo e o conforto ao mais recôndito lugarejo — porque, geralmente, é aí que os seres humanos sentem mais necessidade de auxílio e de amparo.

Todos nós compreendemos muito claramente, que o verdadeiro turismo tem quase sempre a sua máxima expansão panorâmica, ruralmente falando, através dos campos, dos prados, dos bosques, das montanhas, das florestas, dos planaltos, etc, etc.

Os forasteiros, geralmente de Verão, abandonam as cidades e os grandes centros populacionais para se expandir e espalhar, delirantemente, pelas aldeias, de região em região, escolhendo sempre, evidentemente, para organização dos seus itinerários, aquelas terras que apresentam melhores e mais perfeitos meios de comunicações. É aqui que reside (nos melhores meios de comunicações) o mais acertado evidente e seguro meio de fazer uma verdadeira, rendosa e sólida propaganda turística. Ora se uma Região é servida por estradas (melhor direi por escabrosos caminhos, pelos quais dificilmente podem transitar as bestas), como presentemente se acha servido o Gerês e Terras do Bouro, não ponhamos a menor dúvida de que, estas regiões só serão visitadas por aquelas pessoas que sejam obrigadas a dar cumprimento a qualquer dever ou obrigação de ofício — com pouca diferença daqueles velhos tempos em que os nossos condenados eram levados adegredados para a África, para cumprirem as penas que a Justiça lhes impunha.

E como nós em Terras do Bouro continuamos a avançar no progresso, um século àquem, cabisbaixos, com as costas voltadas para a frente, e em igualdade de circunstâncias muito inferiores aquelas em que viveram os nossos avós, vejamos então, mesmo ainda com o fim de estabelecer uma comparação, como os serviços e meios de transportes estavam combinados, no nosso meio, e nesses remotos tempos que nós, embora muito superficialmente, podemos trazer ao nosso espírito: — tempos das diligências (ou mais conhe-

cidas, no nosso meio, por carros da carreira).

Nesses tempos, os motores cavalos de carne e osso, extenuados e quantas vezes esfomeados, precisavam, no decurso das suas longas e infundáveis viagens, de postos de abastecimentos, principalmente de água, para saciar a sede e refrescar o organismo. E assim, gradualmente, lá se iam abastecendo: em Rendufe, Caldelas e Vau, (na direcção de Terras do Bouro); em Amares, Bouro e Rio Caldo (na direcção do Gerês).

E os motores animal, lá se iam deslocando, muito vagarosamente, para cá e para lá. Deus sabe com que dificuldades e atraso. E os rudes e estúpidos cocheiros, como que para livrar e defender a «dignidade» e a força empregada pelos quadrúpedes, que por eles eram conduzidos e obrigados a grandes esforços, sempre que aqueles motores falhavam, lá se iam desculpando com o mau agouro de... qualquer padre que tomava o carro para se deslocar aonde a sua presença o reclamava (não esqueçamos, a propósito, de que, mesmo no espírito dessa rude classe encontrava o seu lugar e ponto de apoio a expansão do demo-liberalismo-maçónico).

Mas, como iam dizendo, e não devemos passar adiante, os motores animal precisavam de se abastecer para poderem funcionar regularmente.

Naqueles tempos, os motores animal, para dar cumprimento à obrigação, que lhes era imposta pelos homens, tinham necessidade de de ser abastecidos. E hoje, os motores mecânicos?!... Poderão, porventura, funcionar e deslocarem-se, sem prévio e constante abastecimento?!...

E, neste caso, poder-se-á passar, mais tempo, sem um posto de abastecimento, de tantos em tantos quilómetros pelo menos nos centros mais desertos e mais afastados de outros locais onde esses postos existem?!...

Alguém terá a petulância de continuar na resolução destes assuntos, aliás de suma importância, com os rotineiros risinhos sarcásticos?!... Mas nós estamos no século XX ou vagueamos, como almas perdidas, no século de Afonso Henriques?!...

— Eu atrevo-me a fazer esta observação comparativa, porque em Terras do Bouro, ainda hoje, há quem pretenda levar-nos, em corpo e alma, para o século de Afonso Henriques...

Eu reconheço que, de facto, tomando para comparação o actual desenvolvimento progressivo da nossa Terra...

Depois que te encontrei

Depois que Te encontrei, Senhor, a vida
Sorri-me mesmo até no sofrimento!
Escuta, não me saís do pensamento,
Minh'alma em fogo Teu foi convertida!

Zangavas-Te, Senhor, se Te dissesse
P'ra me lebares ao Porto da Verdade?...
Depois que Te encontrei, a Eternidade
É ânsia desta alma que esmorece!

Ai, se soubesses, Deus, quanto Te quero!
Acredita-me agora, sou sincero,
Embala-me p'ra sempre nos Teus braços!

Não sei se sabes que esqueci o mundo!
O amor que me inspiraste é tão profundo
Que não sei mais livrar-me dos seus laços

Prado, Novembro de 1963.

Gota d'Orvalho

das suas estradas e caminhos... as coisas não devem andar assim, assim muito afastadas da realidade... hoje, como nos tempos de Afonso Henriques...

Que miséria!... que atraso!... que falta de conhecimentos!... que falta de senso político!... que falta de bairrismo!... que falta de amor pela Terra Natal!... que grande vergonha a nossa!!!...

Então, em Terras do Bouro, sede de um Concelho, situada a umas dezenas de quilómetros, de outros postos abastecedores de combustíveis automóvel (Caldelas e o Gerês apenas), não possui um único posto no género?!... E queixamo-nos de que a nossa Terra não é visitada pelos turistas e não é conhecida?!...

É conhecida, sim, infelizmente... e comparada a um covil de malfetores... e a verdade é que, o Povo de Terras do Bouro, na pureza e dignidade dos seus costumes, na grandeza de seus valores cívicos e morais, nunca foi merecedor de tal desprezo e abandono. E o certo é que, atravessamos uma época em que para tudo se encontra uma elucidativa desculpa(?)

— evidentemente com um fim muito velho e conhecido: camuflar a inércia, a renitência, o erro. Não temos, na sede da nosso Concelho, um posto abastecedor de combustíveis automóvel porque... (como hei-de dizer?!...) não há local próprio para a sua instalação nem pessoa de confiança, a quem se possa entregar a sua exploração!!! Santo nome de Jesus!.. Nem o diabo seria capaz de engendrar tanta desfaçatez!...

Que interesse poderá causar ao automobilista que necessita de se abastecer de combustível, adquirindo-o na Casa do José, do Francisco ou do Artur?... Ao fundo da Avenida, junto ao chafariz ou... mesmo na feira dos porcos?...

Que interesse, que valor ou que dúvidas ou prejuízos se poderão encontrar nestas afirmações ou desculpas?... — Como as coisas andam!... Bem dizia o Velho Mestre: — *Oh! do pobre tira linhos... a que mãos foste parar!*...

Quanto ao local para a instalação do posto, coloquem-no em qualquer parte — quando não haja outro local apropriado, coloquem-no mesmo no cimo da torre da catedral da sede do Concelho... que para isso será fácil conseguir-se uma autorização e concessão especial da parte dos srs. zeladores do monumento histórico...

Quanto ao agente explorador... ponha-se de parte intrigas, renitências e tudo o mais que possa colocar-nos caprichosamente, no retrocesso...

O público, isto é, os automobilistas, não precisam de homens, para esse efeito: precisam, tão somente, de abastecerem-se, quando para isso tenham necessidade.

Logo, faz falta, é de primeira necessidade, na sede do nosso Concelho, um posto abastecedor de combustíveis automóvel.

Tudo o mais são desculpas, disfarces, e... conversas fiadas... cheques sem cobertura... e cantigas desta laia... já não namoram ninguém.

Manuel A. B. Marques

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE A
A M O D E L A R

Telefone 62113

Amares

Flor desfolhada

DE Gota d'Orvalho

Germana, com sua extrema habilidade, procurava a todo o transe deixar a sós Lúcia e Jorge, a fim de combinarem o seu sonho doirado. Contudo, as gaiatices de Octávio e de suas irmãs, apenas permitiam que algumas e furtivas palavras fossem trocadas entre os dois apaixonados:

— Jorge, de hoje em diante, viveremos um para o outro sem reserva. Mas é necessária muita prudência. Não me escrevas para casa. Se de alguma coisa precisares dirige-te a Germana. Não te incomodes se algum rapaz meu conhecido me acompanhar, porque será casualmente. Também não reparo se porventura de alguma rapariga te fizeres acompanhar. Confia em mim, confiarei plenamente em ti.

— Lúcia, parece-me um sonho no qual misteriosamente oigo a tua voz! Queres perdoar-me a ousadia de gostar de ti?

— Se é tão natural o que entre nós se passa...

— Sim, mas...

— O que queres significar com tais reticências?

— Os meus complexos, o grau de inferioridade...

— Isso deixa de existir quando se ama verdadeiramente. O que interessa é gostar-se! Tudo correrá bem se o segredo entre nós e Germana subsistir.

— Lúcia, deixa-me beijar-te as mãos! — e um longo beijo selou este grande amor sem precedente! Lúcia e Jorge estavam comovidos! Dir-se-ia que a vida para eles começara naquela hora abençoada! Oh! Como é bom gostar de alguém quando esse alguém é fonte de delícias inocentes!

De regresso, adiantara-se Germana a acompanhar Jorge, movido o seu pensamento em dois sentidos, um dos quais o leitor já adivinhou: Desviar de suas irmãs a menor desconfiança deste amor nascido nas trevas, e ainda porque Germana necessitava de falar com Jorge rogando-lhe um favor:

A noite surpreendera-os no caminho. A diante e muito distanciados, seguiam Jorge e Germana. A trás, as restantes personagens conhecidas já do leitor.

— Jorge, diz Germana com as lágrimas nos olhos: Quero ficar a dever-lhe um favor!

— Haverá, porventura, favor que eu possa fazer? Aquela que foi portadora da minha maior felicidade? O prazer será todo meu, Germana, minha irmã, se mo permites!

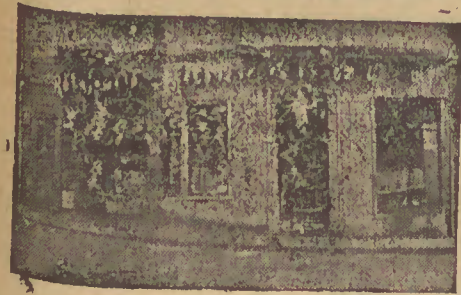
— Obrigada! Oíça então: Carlos, noivo de minha irmã Almerinda, tem muitos defeitos que não caem bem na sociedade. O Jorge bem os conhece. Ela é minha irmã. Custar-me-ia amanhã vê-la sofrer as injustiças de um homem que, na sua juventude, não soube como o Jorge cultivar a virtude, tesouro apreciável, ó quão apreciável no rapaz! Ao dizer isto, Germana mais parecia sentir a responsabilidade de mãe, que propriamente de irmã ainda criança! E pedia a Jorge com tal fervor, que a voz lhe morria estrangulada na garganta, ao mesmo tempo que as faces se lhe banhavam de lágrimas! O favor que lhe queria dever é o seguinte: sei que ele acata muito as suas ordens e admira em si as virtudes que possui. É seu amigo e diz que se um dia o visse maltratado meteria peito à bala para o libertar.

— Bravo! sei que tenho um amigo para a luta!

— Sim. É assim que ele se exprime quando fala a seu respeito.

De facto, o génio de Carlos é o de um guerreiro destemido. A seu lado ninguém confessava medo. Contudo, o porte de Jorge nunca o levaria a precisar do auxílio de Carlos no uso da força.

(Continua)



RELOJOARIA
MAURICIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA

telefone do serviço permanente dos
Bombeiros Voluntários 62162

A IGREJA E AS IGREJINHAS

(Continuação da 1.ª página)

legou-nos a fraternidade.

Haja coragem para abandonarmos todos os preconceitos e abracemo-nos como irmãos que somos.

Não nos podemos sentir em grau superior, se ao pé de nós passar uma alma transviada.

Temos, por amor, acarinha-la, para conseguir a sua recondução. Abandona-la é crime e não seguimos de forma alguma as lições do nosso Único mestre, que é Jesus Cristo.

Se nas nossas consciências só imperar a lei do Amor de Cristo, tenhamos a certeza que no Mundo só existirá concórdia e compreensão. Acabar-se-á de uma vez para sempre com os males que afligem o Universo, e cantaremos em uníssono todas as Glórias do Céu.

Se ao contrário nos desunirmos e criarmos as tais igrejinhas, porque este ou aquele não é da nossa opinião, ou do nosso meio, continuaremos nas lutas de más vontades, resultando a mais das vezes a desunião da Igreja, que S. Pedro formou por vontade do Senhor.

Se formos unidos e tivermos Cristo no coração, o mundo será nosso, e a Paz do Senhor reinará entre todos os homens.

Avante pois, por um Mundo que todos anseiam.

Darmo-nos para sermos recebidos em nome de Deus.

Direitos e Deveres

(Continuação da 1.ª página)

quando o vagabundo passa pela rua ou o leproso geme de dor, a nossa alma deve sofrer também, porque esses infelizes são, afinal, homens, isto é pertencem à nossa espécie, são nossos irmãos que temos o dever de ajudar.

E é ainda esse sentimento cristão do dever que nos incita e obriga a amparar os pobres, os fracos e os humildes e a vergastar com piedade os avaros, os orgulhosos e os insensatos que parecem ignorar que o dever é a semente do direito e que sem este e sem aquele não há justiça social possível.

Quanto mais completo for esse sentimento, menos miséria, luta inútil e sofrimento haverá no mundo.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Martinho

Ofensiva Islamo-comunista

(Continuação da 1.ª página)

luntários» chineses, bulgaros e cubanos — e até uma unidade constituída por terroristas de Angola que estavam a treinar-se na Argélia. Já não pode haver dúvidas, portanto, relativamente à agressão que se prepara, nem pode haver dúvidas quanto ao carácter internacional e subversivo de que essa agressão vai revestir-se. Não se trata de conquistar no deserto uns quantos poços de água, na ilusão ou na esperança de que sob aquelas areias haja também jazigos de petróleo. O objectivo concreto, e desde

agora bem claro, de Ben Bella e dos seus aliados europeus, africanos, asiáticos e cubanos é derrubar a monarquia aluíta, obrigar ao encerramento das últimas bases norte-americanas no Marrocos e transformar aquele país numa plataforma para o assalto islamo-comunista à Europa ocidental — e em primeiro lugar aos dois baluartes anticomunistas da Península Ibérica: Espanha e Portugal.

As forças internacionais de subversão jamais poderiam perdoar a derrota que sofreram na guerra civil da Espanha, nem a coragem com que Portugal defrontou as vagas de terroristas lançadas em 1961 no ataque a Angola: do assalto que se prepara a primeira grande vítima seria, fatalmente, o jovem Rei Hassan — «na África nova (disse-o Ben Bella e em Adis-Abeba, nas barbas de Hailé Selassié) não há lugar para Reis, nem para Imperadores», mas, no dia em que as «brigadas internacionais» de Ben Bella e as milícias terroristas de Holden Roberto desfilassem, como vencedoras das «forças reaccionárias» marroquinas, pelas ruas de Tanger, nesse mesmo dia bem poderia dizer-se que recomeçava a guerra da Espanha e que para Portugal, na sua luta contra o terrorismo, outra frente se abria — e esta, agora, na metrópole, ao longo da costa do Algarve. Se por desgraça as forças internacionais de subversão viessem, porém, a triunfar na Península (com o regresso dos muçulmanos, por obra e graça do «profeta» Karl Marx, a Silves, a Sevilha, a Córdova e a Granada...) nesse preciso momento os países que constituíssem então na Europa a última ilha do mundo livre encontrar-se-iam entre dois fogos.

Esperemos, no entanto, que o Governo de Washington esteja consciente dos perigos que se avizinham — e que as manobras, que se anunciam para dentro de poucos dias, ao longo do litoral de Almería, manobras em que participam soldados, aviões e navios de guerra espanhóis e norte-americanos, já sejam um sinal de que os Estados Unidos, por esta vez, compreenderam a tempo. — ANI

Amadeu César

BOLETIM DE ASSINATURA

Queiram considerar-me assinante da obra «LENDAS DE PORTUGAL», enviando-me:

- * Um fascículo por mês, ao preço de VINTE ESCUDOS
- * Dois fascículos por mês, ao preço de TRINTA E SETE ESCUDOS E CINQUENTA CENTAVOS
- * Séries de seis fascículos, ao preço de CENTO E DEZ ESC.
- * Séries de doze fascículos, ao preço de DUZENTOS E VINTE ESCUDOS.

(Riscar o que não interessa)

Nome

Morada

(Escrever de forma bem legível)

Visado pela C. de Censura

Eis que Aparece Ramalho

Disponha-me a falar-lhes aqui de quatro comunicações recentes de membros do Governo. Por ordem cronológica: a conferência do Doutor Silva Cunha, subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, dita em Braga, a inaugurar um ciclo de estudos sobre o Ultramar; a entrevista concedida à Televisão pelo Doutor Teixeira Pinto, ministro da economia; as declarações do dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros no «National Press Club» de Washington; por fim, as palavras do Dr. Pinto Barbosa, ministro das Finanças, sobre a primeira operação de crédito feita ao nosso País pelo Banco Mundial. Qualquer destas comunicações aconselhava um comentário largo — senão mesmo comentário larguíssimo, que a todos abrangesse, porque todas convergem, afinal, no mesmo ponto.

A explanação do dr. Silva Cunha sobre o progresso da África Portuguesa, em contraste com o que se passa nos países nossos vizinhos naquele continente, obriga ao reconhecimento geral, que acabaremos por alcançar, de que a nossa presença — onde estamos — é necessária e útil. É uma palavra de confiança na vontade que há-de realizar o progresso e resistir, sobretudo resistir ao tempo.

Palavra de confiança foi também a do Ministro da Economia, ao assinalar melhoria na vida económica do País, depois da natural perturbação causada pelo desvio de um surto de franco progresso económico para uma situação de sacrifícios imposta pela tentativa de assalto às nossas terras.

Palavra de confiança, ainda, a do Ministro Franco Nogueira, em Washington, na medida em que repeliu, ou, melhor, desfez, com excelente argumentação, as palavras — as palavras destituídas do conteúdo lógico! — que muitos nos atiraram, ou deixam atirar, no pandemónio das Nações Unidas.

A propósito de lógica: estranharam algumas pessoas a decisão dos países africanos que tinham estado em conversas com o ministro Franco Nogueira — não prosseguirem nas ditas conversas. É certo que a estranheza provinha de um entusiasmo excessivo, quando principiaram as conversações. Temos de ser menos emotivos e mais lógicos na apreciação dos acontecimentos. Os Estados africanos estão a ser vítimas de fortes pressões externas, em que entram algumas ilusões, algum medo e algum dinheiro. Entre os dirigentes de alguns desses Estados há quem tenha a consciência mais ou menos nítida do que está a suceder — e reconhe-

ça por isso que o interesse dos países da África Negra está no entendimento com Portugal, seu vizinho, experiente e amigo. Mas as pressões ainda são fortes e a consciência das realidades não está suficientemente generalizada. Para tudo é preciso darmos tempo ao tempo. Não é só para o amadurecimento da fruta, porque há no mundo outras realidades que amadurecem, sem ser a fruta.

Ora bem: o lógico é que se mantenha, embora cada vez menos viva, a atitude dos países iludidos, até que a verdade se lhes depare claramente, de janelas bem abertas. E, para isso, ainda é cedo.

As conversas com o Ministro Franco Nogueira foram um elemento positivo e de bom augúrio; mas só por excesso do optimismo poderíamos considerá-las como viragem nos acontecimentos. Ainda é cedo. A viragem há-de suceder, mas na época própria, e não só para os nossos vizinhos da África Negra. Outros não-de-fazê-lo, porque não-de-reconhecer, como diz o dr. Silva Cunha, que a nossa presença em África é necessária e útil.

Do Ministro das Finanças não podemos observar apenas que disse palavras de confiança, porquanto revelou um facto que é, por si só, um elemento de confiança.

Quando foi estudado o Primeiro Plano de Fomento (que abrangeria os anos de 1953 a 1958) previu-se que recorreríamos ao crédito externo, ainda que numa percentagem mínima: apenas 4 por cento — ou seja: menos de 500.000 contos num total de 12 milhões. Não chegamos a utilizá-lo. Só em 1958, no início do Segundo Plano de Fomento, o crédito externo previsto passou a uma percentagem de certa importância: 25 por cento, salvo erro — 6 milhões e meio de contos. Dentro desta orientação, pediu o Governo, em 1959, o ingresso de Portugal no Banco Mundial. Fomos logo admitidos. Depois estive no nosso país uma missão que estudou as nossas condições de vida e de administração económica e financeira. O seu relatório, terminado em Maio de 1962 — isto é: precisamente pela época mais aguda das nossas dificuldades, a época de adaptação às novas condições. Está, portanto, o Banco Mundial perfeitamente esclarecido, sobre os nossos rendimentos, a nossa administração, as nossas possibilidades de pagamento. Será por isso de sublinhar não somente o condicionalismo económico — Financeiro, mas também o condicionalismo político fundamental, que permite esta primeira operação do Banco Mundial ao nosso país:

dois empréstimos a longo prazo, a empresas particulares do sector da electricidade, em valor que se prevê atinja os 25 milhões de dólares.

Note-se que o Banco Mundial não dispensa aos países-membros, para empréstimos desta natureza, entre outras, as seguintes exigências:

- a) um programa coordenado de desenvolvimento;
- b) estabilidade financeira assegurada por uma política sã de moeda, de crédito e de impostos;
- c) compatibilidade do serviço financeiro do empréstimo com a perfeita capacidade de pagamentos no exterior do país beneficiário;
- d) garantia de solvência real dos mutuários;
- e) recursos disponíveis do país beneficiário e boa conduta no cumprimento das obrigações decorrentes da sua vida externa.

Significa isto que a concessão de créditos pelo Banco Mundial ao nosso país é uma afirmação de plena confiança, tanto mais digna de atenção quanto é certo o conjunto de dificuldades que nos são criadas, não só pelos inimigos mas principalmente pelos maus amigos, para não dizermos pelos amigos estúpidos, que acabam por ser maus — para eles próprios.

Pois disponha-me eu a comentar largamente as quatro comunicações de membros do Governo, quando vi entrar o Ramalho Ortigão. Não era a sua alta, vigorosa, desempenhada figura, que o distinguia, ainda depois dos seus oitenta anos, quando descia o Chiado, enorme, elegante, solidamente apoiado na bengala rija? seria? Quando Rodrigues Cavalheiro me ofereceu o seu livro sobre «A evolução espiritual de Ramalho», eu senti-me defronte do velho crítico das «Farpas», do escritor que trouxera desde Garrett até nós o mais entranhado amor das coisas portuguesas. Senti que conversávamos. Resultado: não fiz o comentário que tinha planeado, e, como não há tempo, fica para outra ocasião falar da conversa com Ramalho Ortigão — ou com o livro que sobre ele publicou agora o dr. Rodrigues Cavalheiro. — ANI

Monografia de entre Homem e Cávado

Concelho de Amares e Terras de Bouro

Acaba de ser editado o III Volume da Monografia de Amares e Terras de Bouro. Todas as pessoas interessadas podem desde já requisitar-las

ENCONTRO COM DEUS

Até que enfim, que Te encontrei, Senhor,
E há quantos anos já que me buscavas!
Senhor, quanto sofrestes, quanto amavas
Aquele que fugia ao Teu Amor!

E p'ra Te ver, p'ra Te encontrar, meu Deus,
Bastou que a dor humana me prostrasse
No solo, em plena noite, e me calasse
Para fitar a abóbada dos Céus!

Mas encontrei-Te, ó, sim, quanto Te quero!
Escuta-me, Senhor, se eu fui um zero,
Porquê, Senhor, não Te encontrei mais cedo?

E eu tenho pena de encontrar-Te tarde!
Chega-te a mim, Senhor, meu peito arde,
Ouve, Senhor, escuta-o no degredo!

Gota d'Orvalho

Kennedy assassinado

(Continuação da 1.ª página)

no Mediterrâneo... E tudo isto sem que tivesse Kruschchev de fazer explodir uma só bomba nuclear — e de abandonar o seu confortável gabinete no Kremlin por qualquer abrigo antiatómico algures aberto no subsolo da estepa.

Com efeito, o processo mais fácil para Kruschchev — e menos perigoso para ele e para a Rússia — de concluir o avassalamento do mundo ao comunismo seria enfraquecer e dividir os Estados Unidos, semeando ali a sizânia e a desordem.

Também será, todavia, de admitir que por detrás do crime de Dallas não haja senão, individualmente, a sinistra figura de Fidel Castro, pois que o ditador cubano estaria naturalmente interessado — com a cumplicidade ou sem a cumplicidade dos seus celestes amigos — em pôr termo (pela eliminação radical de uma das letras) ao diálogo, que decerto o inquietava, entre os dois KK.

Por último, não será ainda de excluir, evidentemente, a hipótese de que o jovem Lee Oswald seja apenas um fanático ou um louco a agir por iniciativa própria.

A verdade, porém, é que Lee Oswald dizia ser comunista desde os 15 anos; é que viveu na Rússia durante três anos, pelo menos; é que ninguém sabe quando ele de lá saiu e o que foi lá fazer. A verdade, também, é que em 1960 ainda residia em Moscovo — e que actualmente presidia a uma «comissão de boa vontade» para apoio e auxílio a Fidel Castro. E não se pode nem se deve

esquecer outro pormenor — e não, por certo, dos mais insignificantes: Lee Oswald provou que era um óptimo atirador, um verdadeiro «atirador especial», ao disparar da altura de um quinto andar, não perdendo sequer um só tiro, ao que parece, pois os dois que não atingiram o Presidente feriram, ao seu lado, o governador do Texas. Ora os atiradores «especiais» não nascem já a acertar na «mouche»: são o resultado de um treino intenso. Mesmo com carabinas de alça telescópica já vi caçadores de nome, na África, falharem búfalos a menos de vinte metros...

Há, por último, a considerar que um louco ou um fanático se enervariam, com certeza, no minuto do crime: só um executor endurecido, teria mantido o sangue-frio que Lee Oswald, ao planejar e executar, tranquilamente, atentado, demonstrou possuir. Mas, como quer que seja, já a esta hora os «liberais» norte-americanos estão, com certeza, a envolver o assassino de Kennedy numa nuvem idêntica àquela que sempre encobriu a verdadeira personalidade e o verdadeiro mobil do assassino de Trotsky...

Com o desaparecimento de Kennedy, ganhou, naturalmente, as próximas eleições presidenciais o Partido Republicano, mas estas eleições não se realizam senão daqui a um ano — e para um Kruschchev (ou, em proporções mais modestas, para um Fidel Castro) largo tempo — um ano. Agora só a evolução dos acontecimentos nos dirá quem, de facto, matou Kennedy. — ANI